

América Latina: dependência e subalternidade da pós-modernidade**Latin America: dependence and subalternity of postmodernity**

Recebimento dos originais: 01/05/2018

Aceitação para publicação: 12/06/2018

Maicon Fabricio Batista de Jesus

Graduando em Ciências Sociais pela Universidade do Estado da Bahia (UNEB)

Instituição: Universidade do Estado da Bahia (UNEB)

Endereço: Rua Silveira Martins, 1030 - Cabula, Salvador - BA, Brasil

E-mail: maiconfabricio21@hotmail.com

RESUMO

O processo de dependência da América Latina em relação aos grandes centros capitalistas é compreendido a partir das marcas deixadas pela sequência colonizatória desta região. Pressionada pelos interesses estrangeiros, sucumbe ao capital dos grandes centros, sendo incapaz de impedir sua incorporação dependente ao espaço econômico, cultural e político dos polos hegemônicos. Atrelado a ordem globalizante oriunda da era de ouro capitalista, a América Latina reproduziu as leis gerais que regem o sistema, a constante produção de riqueza e a consequente geração de pobreza. Nessa perspectiva, a região encontra-se em uma posição diametralmente oposta ao acúmulo de riquezas, permanecendo neste polo denominado periférico até o presente período, o conhecido pós-moderno. Neste viés, o artigo apresenta reflexões a respeito da manutenção da condição subalterna e periférica Latino Americana, mantida através de uma dependência engendrada pelos ditames das nações hegemônicas, com novas abordagens e novas estratégias que se refletem inclusive na soberania e democracia dos Estados que compõem o eixo Sul Americano.

Palavras chaves: Dependência; Capitalismo; Subalterna Pós-moderno.

ABSTRACT

The process of Latin America's dependence on the great capitalist centers is understood from the marks left by the colonizing sequence of this region. Pressed by foreign interests, it succumbs to the capital of the great centers, being unable to prevent its dependent incorporation into the economic, cultural and political space of the hegemonic poles. Linked to the globalizing order originating from the capitalist golden age, Latin America reproduced the general laws that govern the system, the constant production of wealth and the consequent generation of poverty. In this perspective, the region is in a position diametrically opposed to the accumulation of wealth, remaining in this pole called peripheral until the present period, the known postmodern. In this bias, the article presents reflections on the maintenance of the subaltern and peripheral Latin American condition, maintained through a dependence engendered by the dictates of the hegemonic nations, with new approaches and new strategies that are reflected even in the sovereignty and democracy of the states that make up the South American axis.

Keywords: Dependence; Capitalism; Postmodern Subaltern.

1 AMÉRICA LATINA

A América Latina sofreu ao longo da história com a forma predatória utilizada pelos países centrais. A exploração desta região serviu tão somente apenas para o fortalecimento e enriquecimento dos pólos hegemônicos. Após o longo período de colonização, as relações entre colonizados e colonizadores sofreram mudanças, o domínio territorial que detinham as nações europeias sobre as nações Latino Americanas se rompeu a medida que os países se emanciparam, declarando-se, portanto, independentes. Tal fato, deveria em fim representar mudanças profundas nesses países, fomentar o seu desenvolvimento e consequentemente a saída da posição a que foram submetidas, contudo, a realidade não traduz tal expectativa.

Com o processo de modernização e a pulsante era globalizante, as nações periféricas saíram de um contexto colonizatório, sem deixar, entretanto, a subalternidade, pois, desenvolveram uma dependência sócio-econômica e política com os países centrais. De forma pragmática, este cenário nunca se alterou, os lapsos temporais em que países do eixo Latino Americano como Brasil, México e Argentina apresentaram uma crescente econômica foram tolhidos, sobretudo, pelos Estados Unidos. Apoio a golpes e consequentes regimes ditatoriais foram engendrados pelos norte americanos como forma de garantir que seus interesses não fossem ameaçados.

Após este preâmbulo, a cronologia deixa latente as poucas transformações no cone sul, e marcas evidentes da exploração da região forjada pelos interesses e capital dos grandes centros. Logicamente, com o passar dos anos a manutenção desse estágio Latino Americano necessitava não de novos atores, mas novas formas de manter o eixo sul do continente submisso aos ditames dos vizinhos ao norte. A pós-modernidade ou modernidade tardia, transforma o globo terrestre, modifica as relações sociais, econômicas, culturais e políticas.

O mundo pós-moderno ditou normas e regras em relação as políticas externas, intervenções e/ou interferências nos assuntos internos que fossem de encontro a soberania dos países. No que diz respeito ao aspecto doméstico, objeto do presente trabalho, os países Latino Americanos sempre sofreram com as estratégias dos EUA a fim de manter seu imperialismo perante aos vizinhos periféricos, porém, se outrora a conjuntura mundial permitia tal fato mais abertamente, hoje, requer uma sutileza em suas estratégias ou métodos. Os meandros da pós-

modernidade formula novos mecanismos, como por exemplo, desestabilizar os governos como ocorreu em Honduras, Paraguai, Brasil e atualmente na Venezuela.

É importante dizer que o debate sobre a existência da pós-modernidade ainda se estende, sendo a modernidade tardia defendida por Hall ou a líquida proposta por Bauman não demanda de nossa parte um aprofundamento, neste tocante, o objetivo é apresentar as amarras da subalternidade e dependência da América Latina, oriundas também de uma nova ordem, sedimentada no seio da pós-modernidade, principalmente em termos econômicos, conforme diz Bauman:

O derretimento dos sólidos levou a progressiva libertação da economia de seus tradicionais embaraços políticos, éticos e culturais. Sedimentou uma nova ordem, definida principalmente em termos econômicos. Essa nova ordem deveria ser mais “sólida” que as ordens que substituíra, porque, diferentemente delas, era imune a desafios por qualquer ação que não fosse econômica. A maioria das alavancas políticas ou morais capazes de mudar ou reformar a nova ordem foram quebradas ou feitas curtas ou fracas de mais, ou de alguma forma inadequadas para a tarefa. (2001, p.11)

Em se tratando dos países periféricos, conforme já mencionado pouco se alterou ao longo do tempo. As entranhas que regem as políticas econômicas na América Latina sempre se mostraram frágeis e dependentes dos grandes centros. O cone sul sofre com velhos problemas, mas busca as mesmas soluções. A fluidez proposta por Bauman, não chega no letárgico eixo sulamericano, pois, suas alavancas são curtas, fracas ou inadequadas. Ainda que exista a intenção de novos rumos, esbarram não só em questões internacionais, mas também em conjunturas regionais.

Na segunda metade do século passado, o continente latino-americano passou por várias experiências de cooperação e de integração, que nunca conseguiram alcançar os objetivos inicialmente traçados. Os países da região, enfrentaram várias dificuldades, por conta não só do quadro doméstico, mas também por causa das conjunturas regionais e internacionais. Conte-se, ainda, o próprio otimismo exagerado quando da confecção dos acordos. Esses problemas, no todo ou em parte, contribuíram para minar as tentativas integracionistas. (MIYAMOTO, 2002, p.57).

Levando-se em consideração que divergências fazem parte do jogo, o insucesso nos acordos integracionistas não é nenhuma surpresa, contudo, as consequências disso é apenas a manutenção do *status quo* das nações latinas aos olhos do mundo. Com exceção do Brasil, que assumiu um papel de protagonismo na era Lula, as outras nações exercem um papel débil e sem representatividade além de não projetar uma expectativa de mudança futura neste quadro. Obviamente, não se pode ignorar as especificidades da região, deve-se, portanto, levar em

consideração que a conjuntura de submissão Latino Americana tem explicações enraizadas nas relações com a dependência histórica colonial, como descreve Souza e Marques:

Uma parte importante dos estudos e das teorizações sobre modernidades latino-americanas está centrada na determinação de sua especificidade: periférica ou tardia. De fato, ambas as conceitualizações - a da modernidade periférica e das modernidades tardias - procuram explicar a natureza dessas modernidades locais baseada em suas relações com a dependência colonial, ou então, através da defasagem própria das realidades situadas fora do perímetro central (2009, p.15).

Inegavelmente, o processo colonizatório na região contribuiu para esta dependência, a via de mão dupla estabelecida por Fernandes indica uma espécie de conciliação dentro da realidade Latino Americana. Para este, a forma histórica como foi forjada a economia dos países periféricos aconteceu dentro das condições ao qual eles foram obrigados a conviver.

As influências externas atingiram todas as esferas da economia, da sociedade e da cultura, não apenas através de mecanismos indiretos do mercado mundial, mas também na incorporação maciça e direta de algumas fases dos processos básicos de crescimento econômico e de desenvolvimento sociocultural. Assim, a dominação externa tornou-se imperialista e o capitalismo dependente surgiu como realidade histórica na América Latina (FERNANDES, 1975, p.16).

Os argumentos propostos não deixam dúvidas quanto as questões subalternas e dependentes que o eixo sul é submetido. Não nos parece, portanto, um equívoco a utilização desta teoria Marxista nas interpretações a cerca da América Latina, entretanto, é preciso compreender as suas limitações, em outras palavras, é preciso ir além desta. Assim, como as estruturas são modificadas e/ou modernizadas, os subterfúgios usados pelas forças hegemônicas para a preservação de suas posições no cenário mundial são renovados, deve-se também desenvolver novos olhares sobre o aspecto que compõe a órbita política e econômica Latino Americana, fomentando desta forma uma melhor compreensão da realidade atual.

Estabelecer outras formas de analisar o objeto é também encontrar novas soluções. É criar mecanismos de defesas diferentes dos já existentes e por consequência, reinventar meios que superem as investidas dos pólos hegemônicos. Acompanhar a pós-modernidade e suas nuances é estar preparado para as possíveis armadilhas que este mundo pós-moderno pode gerar. Neste contexto, vale exemplificar a situação do Brasil, que aliado a China, Rússia, África do Sul e Índia assumindo uma posição de destaque e buscando uma nova ordem mundial não só com a criação do

G20, mas também do BRICS, sofreu uma rigorosa desestabilização do governo, provocando uma convulsão social culminando assim, no *impeachment* de Dilma Rousseff.

Aquilo que se esperava do Brasil, uma posição de protagonismo e liderança na América Latina, foi desempenhado após o governo Lula, no entanto, tal fato gerou reações não apenas externas como internas. Em todo o caso, sendo uma nação isolada ou o bloco integrado, sempre vai gerar desconfiança e resistência por parte dos países centrais. Neste jogo de xadrez ou quebra-cabeça, as peças se movimentam constantemente para defender seus interesses e justamente por isso os países periféricos devem apresentar medidas que contemplem seus anseios, mas sem um deslocamento da realidade e vulnerabilidade caraterísticos da região, corroborado por Pecequillo e Carmo:

Diante deste quebra-cabeça, a posição da liderança surge como essencial, papel que geopolítica e geoeconomicamente caberia ao Brasil. Entretanto, o Brasil não pode ser descolado desta realidade de desafios internos e externos. Assim, para compreender as idas e vindas da América do Sul, é preciso compreender as relações internacionais do Brasil e a percepção que o país detém de seu espaço regional e de seus vizinhos...

[...] contudo, esta atuação na América do Sul é pressionada pelas vulnerabilidades internas ainda existentes e as polarizações do debate sobre as relações internacionais do país, reflexo de seus princípios e tradições de política externa. Tais polarizações são intensificadas no pós-1989 com o fim da guerra fria e permanecem até o período contemporâneo, com impactos sobre a projeção regional e global. (2015, p.5-6)

Destarte, o avanço sobre os problemas da subalternidade e dependência da América Latina não consiste em refutar a teoria da dependência e sim em atualizá-la sob um novo prisma, sob a ótica de um mundo globalizado, multifacetado, de modernidades múltiplas que trazem consigo novos aspectos e novas possibilidades. Se o pós-colonial culminou nas interações sociais dos países latinos, refletindo no processo translinguístico e transcultural, suas contradições e desafios não devem ser desconsideradas.

Para TAVOLARO (2005), “essas diferenças devem ser salientadas por aqueles que têm como desafio compreender a modernidade no momento em que ela se torna elemento central da globalização”. Ao passo que isso é feito, revela-se as possibilidades do eixo Sulamericano em torno da sistemática dependência e sua superação. As amarras que prendem o cone sul se perduram ainda à sombra do que diz GALEANO (2011) em “*As veias Aberta da América Latina*”, o mundo sendo

mercado onde se compram países, a axe Latino Americana não apresenta nada de novo, apenas o dever de obediência.

Por conseguinte, sendo a modernidade o cerne da globalização, é vital a busca por novas ferramentas de compreende-la. Seguindo o raciocínio de Milton Santos, e fazendo uma analogia ao cenário da América Latina, teremos uma globalização vendida como fábula, impondo-se as nações latinas uma agenda cheia de promessas de um mundo mais igualitário, com reduções nos parâmetros econômicos e sociais. Por outro lado, a percepção da realidade é justamente ao contrário, pois, trilhando o que rege a leis gerais do sistema capitalista, a produção de riqueza é condição *sine qua non* e a geração de pobreza consequência desta. Neste viés, a América Latina encontra-se em uma posição diametralmente oposta ao acúmulo de riquezas.

Ainda no aporte teórico de Milton Santos, saindo do lado real e perverso formatado pela era globalizante, podemos então, pensar em uma outra globalização. Pensar nas múltiplas modernidades e consequentemente as novas formas de ação. A intenção aqui não é apresentar nenhuma proposição como solução para os velhos problemas enfrentados pelos países latinos, entretanto, com o cuidado que nos merece a observação no âmbito da região, a reflexão e debate é inescusável. O mercado que perversamente submete as nações aos liames do mundo globalizado, o faz utilizando as técnicas fornecidas pelo sistema e que convergem para um motor único na história.

Os fatores que contribuem para explicar a arquitetura da globalização atual são: a unicidade da técnica, a convergência dos momentos, a cognoscibilidade do planeta e a existência de um motor único na história, representado pela mais-valia globalizada. Um mercado global utilizando esse sistema de técnicas avançadas resulta nessa globalização perversa. Isso poderia ser diferente se seu uso político fosse outro. Esse é o debate central, o único que nos permite ter a esperança de utilizar o sistema técnico contemporâneo a partir de outras formas de ação. (SANTOS, 2011, p.24).

Outras formas de ação significa sair do campo teórico empírico e traçar novos roteiros, novas metas e objetivos. É mister deixar o limiar ao qual a América Latina foi e está inserida. Este obviamente é o maior dos desafios, e evidentemente não é tarefa fácil, uma vez que não depende exclusivamente da política deste ou daquele país e sim de uma integração regional, uma política voltada para o consenso do que seja benéfico para todos e não apenas na perspectiva unilateral que se estabeleceu ao longo do tempo.

Partindo deste pressuposto, o eixo Sulamericano precisa antes de mais nada resolver suas diferenças internamente. Encontrar saídas para as políticas externas entre os países que compõe o eixo. Não há como por exemplo, pensar em um desenvolvimento da região associada ao desprendimento das amarras prescritas pelos pólos hegemônicos, quando se tem na região uma força que exerce um papel similar. À luz do pensamento de Marini, o Brasil assume um papel subimperialista em relação a seus vizinhos. É sofismável, portanto, a defesa de mudanças nos paradigmas regionais, se sua ação é oposta ao seu discurso. Governos brasileiros por anos levantaram a voz em relação a seus pares do eixo latino, mas se calam todas vezes que o EUA elevou o tom.

Tal prática penaliza as nações latinas duas vezes, além da forte dependência em relação aos países centrais, sofrem com a subalternidade para com o seu vizinho detentor de uma melhor condição econômica na região, mesmo que este tenha sofrido dos mesmos males oriundos da violenta colonização no continente. Isto posto, nos parece tamanha contradição atribuir uma agenda meramente inclinada a dependência dos grandes centros, quando esta ocorre também entre os pares latinos.

Reconhecer os problemas internos, é talvez o início de uma grande transmutação. Se não acabar, pelo menos reduzir conflitos dentro do próprio eixo, já é sinal de um fortalecimento do bloco periférico perante ao bloco central. Então seria esta a solução? Reafirmo que o objetivo não é a proposição de um desenlace para o problema, e sim propor uma reflexão acerca do tema abordado. Neste sentido, defensores da teoria da dependência, como Vânia Bambirra, reconhece tamanha a dificuldade, e como equívocos de interpretações levam a bordejar a realidade.

A consciência da ciência oficial, diante dos problemas e das dificuldades para a superação chega a ser bastante aguda, mas sua qualidade de ciência institucionalizada limita sua sua imaginação científica e lhe impede de buscar alternativas para a solução dos problemas que vão para além do sistema vigente, de modo a própria constatação desses problemas acabam restringida e paralisada, resultando em tergiversações da realidade. (BAMBIRRA, 2012, p. 36).

E prossegue sobre as possibilidades do países Latinos em acompanhar o “desenvolvimento” ou em termos atuais, acompanhar a industrialização dos grandes centros.

[...] há uma crise, há uma ruptura de expectativas, há poucas possibilidades de que países latino-americanos sigam pelo mesmo caminho dos países adiantados, mas “pode ser” que a crise não seja tão grave e que os problemas possam ser “paulatinamente” superados. Mas como? De que maneira? A ciência oficial não pode dar a resposta a essas perguntas,

chegando ao ponto de acreditar que as “circunstâncias econômicas imediatas explicam por si só a lentidão ou irregularidade no crescimento”. (BAMBIRRA, 2012, p.36)

Dito isso, as circunstâncias que norteiam os problemas a respeito da América Latina são complexos o bastante para atribuir a uma teoria, toda sua explicação e possível solução. O eixo Latino Americano agoniza em meio a suas próprias fraquezas e incapacidades de resolução de problemas domésticos. A combinação binária que foi estabelecido ignora nossa posição, nossas particularidades e/ou diferenças. A visão do que é bom ou ruim, certo ou errado, moderno ou arcaico, novo ou velho vem não apenas no efeito globalizante mas em cima de uma ideologia em defesa do padrão estrangeiro. “É de fora, então é melhor que o nosso”, independente de todas as nuances que a região propicia, ignorando até aspectos culturais e tradicionais.

A América está enferma, em situação delicada na espera do remédio ou possível cura. As doses homeopáticas que surgem a cada época, acendem uma esperança que ela se levantará após séculos de enfermidade, ao mesmo tempo, a resposta da doença é ainda mais violenta. A velocidade característica da pós-modernidade nos lança desafios maiores a cada dia, é neste contexto que ideias neoliberais ganharam força na região nos últimos anos, ainda que esta já tenha provado o desabor de governos com este tipo de agenda política.

Aplicar este tipo de programa em uma região como a América Latina é aprofundar ainda mais as desigualdades existentes na região. Se outrora isso aconteceu acentuando os problemas, após um período de mudanças de governos e agendas, se construiu pequenos avanços que podem ser suprimidos a qualquer momento por tamanho retrocesso. Isto revela que a dependência e subalternidade da América Latina transcende questões econômicas, sociais e culturais. É preciso entender o tabuleiro e ter a percepção dos agentes que se movem entre as peças do xadrez, bem como a quem eles servem e o que desejam.

É neste sentido que alerto para a necessidade de se encontrar novas formas de superação desta dependência. Para tanto, ressalto a visão de Dussel em torno de um projeto de crescimento, ao qual ele denomina “transmoderno”. Sua defesa teórica gira em torno de uma libertação com estratégias criativas e uma vertente de decolonização e renovação.

Uma estratégia pressupõe um projeto. Denominamos projeto “transmoderno” a tentativa libertadora que resume tudo o que temos dito. Em primeiro lugar, a afirmação é indicada como valorização de seus próprios momentos culturais negados ou simplesmente depreciados que se encontram na exterioridade da modernidade; que foram deixados de

fora da consideração destrutiva desta pretensa cultura moderna universal. Em segundo lugar, esses valores tradicionais ignorados pela Modernidade devem ser o ponto de partida de uma crítica interna, a partir das possibilidades hermenêuticas próprias dessas culturas. Em terceiro lugar, os críticos, para serem críticos, devem viver o biculturalismo das “fronteiras” e então criar um pensamento verdadeiramente crítico. Em quarto lugar, esse processo supõe um período longo de resistência, de amadurecimento e de acumulação de forças. É tempo do cultivo acelerado e criativo do desenvolvimento da própria tradição cultural, agora a caminho de uma utopia transmoderna. Trata-se de uma estratégia de crescimento e criatividade de uma cultura não só decolonizada, mas renovada. (DUSSEL, 2016, p.69).

A cultura renovada e decolonizada alegada pelo autor, converge para nossa defesa de novas estratégias e métodos no período pós-moderno ou transmoderno (na ótica do autor), como meios alternativos para superação da ordem Latino Americana. Como diria DUSSEL (1977, p.155-156):

Não haverá desenvolvimento sem ruptura da dependência, sem libertação nacional econômica, sem transformar a formação social capitalista imperial do centro, no seu próprio modo de produção.

[...] se não há uma reestruturação do sistema neocolonial, não haverá libertação econômica da periferia. É necessário um novo modo de produção nas nações dependentes.

Concluo chamando a atenção para os argumentos apresentados, com o intuito de abrir um campo de discussão a respeito da dependência e subalternidade da América Latina na pós-modernidade ou modernidade tardia. Sem refutar qualquer contribuição dos teóricos, entendo que é preciso buscar não apenas nos defensores da teoria da dependência a resposta, ainda que esta, não seja tão simples de encontrar. Nota-se que o saber é um aprendizado constante, e portanto, a busca incessante do pesquisador. Compreender a complexidade do eixo Sulamericano requer também esta busca contínua de subsídios que possam enriquecer com conhecimento aquele que se disponha estudá-lo.

Diante disso, o artigo propõem uma reflexão dentro do que a pós modernidade exige sobre o avanço na teoria da dependência sob o abrigo da ótica globalizada, multifacetada e fragmentada que apresenta diversas possibilidades. O artigo não versa sobre tais possibilidades, mas advoga em favor que este debate seja indigitado nos campos de discussão sobre tal assunto. A dependência e subalternidade são realidades do eixo Latino Americano e a maneira como serão discutidos depende principalmente da comunidade acadêmica.

REFERÊNCIAS

BAMBIRRA, Vânia. O capitalismo dependente Latino Americano. Ed: Insular, Florianópolis, 2012.

BAUMAN, Zygmunt. Modernidade Líquida. Ed: Zahar, Rio de Janeiro, 2001.

DUSSEL, E. D. Filosofia da Libertação da América Latina. Ed: UNIMEP, São Paulo, 1977.

DUSSEL, E. D. Transmodernidade e interculturalidade: interpretação a partir da filosofia da libertação. *Revista Sociedade e Estado*, vol.31, n°1, 2016.

FERNANDES, Florestan. Capitalismo dependente e as classes sociais na América Latina. Ed: Zahar, Rio de Janeiro, 1975.

GALEANO, Eduardo. As veias abertas da América Latina. Ed: L&PM, Porto Alegre, 2011.

HALL, Stuart. A identidade cultural na pós-modernidade. Ed: Lamparina, Rio de Janeiro, 2014.

MARINI, R. M. Subdesenvolvimento e revolução. Ed: Insular, Florianópolis, 2012.

MIYAMOTO, Shiguenoli. O Mercosul e a segurança regional: uma agenda comum?. *São Paulo em perspectiva*, vol.16, n°54-62, 2002.

PECEQUILO, C. S. e CARMO, C. A. O Brasil e a América do Sul. Ed: Alta books, Rio de Janeiro, 2015.

SANTOS, Milton. Por uma outra Globalização. Ed: Record. Edição: 20, Rio de Janeiro, 2011.

SOUZA, E. M. e MARQUES, R. Modernidades alternativas na América Latina. Ed: UFMG, Belo Horizonte, 2009.

TAVOLARO, S. B. F. Existe uma modernidade Brasileira? Reflexões em torno de um dilema sociológico brasileiro. *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, vol 20, N°59, 2005.